

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 43 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.8173551>



GROUNDING THEORY NA PESQUISA BRASILEIRA EM ADMINISTRAÇÃO: UMA TÉCNICA, NÃO UM MEIO

Irene Raguenet Troccoli¹

Joyce Gonçalves Altaf²

Resumo

A Grounded Theory (GT) é um meio de pesquisa singular que tem demonstrado baixa adesão por parte dos pesquisadores brasileiros da área de Administração. Seu objetivo é muito diferenciado daqueles dos demais meios de pesquisa qualitativa: a geração de teoria substantiva fundamentada em evidências. Também denominada de emergente, trata-se de teoria muito específica, aplicável apenas a determinado campo, e que serve como base a teoria formal. Qualquer que seja a vertente utilizada, sua aplicação não é considerada trivial, tendo em vista que se trata de processo intenso e longo. Este texto é pesquisa descritiva-levantamento bibliográfico que mapeia o uso da GT nos artigos de Administração contidos na base Scielo entre 2013 e 2022, verificando-lhes a evolução em relação a mapeamento semelhante anterior, quantos deles utilizaram a GT para a obtenção de teoria substantiva e quantos utilizaram a GT como técnica de tratamento de evidências, e quais as vertentes de GT utilizadas. A conclusão é de que, embora tenha havido aumento no interesse dos pesquisadores pelo uso da GT no interregno, ele ainda é reduzido, e, quando ocorre, é dada preferência a seu uso enquanto técnica de tratamento de evidências. Essa pesquisa contribui academicamente porque indica que, por se revelarem metodologicamente mais originais, os adotantes da GT enquanto meio de pesquisa voltado à obtenção de teoria substantiva poderão se destacar frente aos concorrentes quando da avaliação de suas pesquisas para publicação.

Palavras-chave: Grounded Theory; Levantamento Bibliográfico; Meio de Pesquisa.

401

Abstract

Grounded Theory (GT) is a unique research method that has shown low adherence by Brazilian Administration researchers. Its objective is very different from those of other means of qualitative research: the generation of substantive theory based on data. Also called emergent, it is a very specific theory, applicable only to a certain field, and serves as a basis for formal theory. Whatever the category used, its application is not considered trivial, given that it is an intense and long process. This descriptive paper refers to GT use in Administration articles in Scielo database between 2013 and 2022: the evolution in relation to a previous similar mapping, how many of them used GT for substantive theory and how many used GT as a data processing technique, and which GT types were used. The conclusion is that, although there has been an increase in these researchers' interest in using GT, it is still reduced, and when it occurs, preference goes to its use as data processing technique. This research contributes academically because it indicates that, by proving to be methodologically more original, adopters of GT as a research method may stand out from their competitors.

Keywords: Bibliographic Research; Grounded Theory; Research Method.

INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é a Grounded Theory (GT), meio de pesquisa singular por dois motivos. O primeiro é que seu objetivo é muito diferenciado daqueles dos demais meios de pesquisa qualitativa: a geração de teoria substantiva, ou emergente, fundamentada em evidências e que, servindo de base a teoria formal, se revela muito específica, aplicável apenas a determinado campo. O segundo é que, em

¹ Graduada em Ciências Econômicas. Doutora em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: irene.troccoli@gmail.com

² Graduada em Serviço Social. Doutoranda em Administração pela Universidade do Grande Rio (Unigranrio). E-mail: jgaltaf@yahoo.com.br



qualquer de suas três vertentes clássicas, sua aplicação não é considerada trivial, tendo em vista que se trata de processo intenso e longo – o que explicaria por que não raro a GT tem sido usada não exatamente como um meio de pesquisa, mas sim como técnica de tratamento de evidências.

Tendo em vista esses aspectos, surge a motivação dessa pesquisa: verificar como se deu o uso da GT como meio de pesquisa em estudos de Administração nos anos recentes no Brasil. Vale notar que essa proposta complementa pesquisa semelhante realizada por Troccoli (2014) referenciada a artigos brasileiros de Administração referidos à GT e que constavam na base Scielo até junho de 2013.

Assim, o objetivo aqui é obter respostas a quatro perguntas: 1) Quantos artigos da Administração referidos aos termos “grounded theory” ou “teoria fundamentada nos dados” ou “teoria fundamentada em dados” adentraram a base Scielo entre junho de 2013 e o ano de 2022? 2) Dentre esses novos artigos, quantos utilizaram a GT para a obtenção de teoria substantiva e quantos utilizaram a GT como técnica de tratamento de evidências?; 3) Quais as vertentes de GT utilizadas?; e 4) Qual a evolução apresentada nessa contagem em relação ao mapeamento anterior semelhante realizado por Troccoli (2014)?

No caso da primeira e quarta perguntas, as respostas poderão indicar o estado do interesse dos pesquisadores qualitativos em Administração pela GT: caso tenha se intensificado nesses últimos sete anos, indicaria uma maior coragem por parte deles. A resposta à segunda pergunta reforçará a conclusão a respeito dessa (eventual) coragem, já que o esforço de alcançar teoria substantiva indica que o propósito maior da GT foi alcançado. Finalmente, a resposta à terceira pergunta poderá indicar as preferências em relação às posições filosóficas dos pesquisadores que utilizam a GT tanto enquanto técnica de tratamento das evidências como enquanto meio de pesquisa.

Metodologicamente, a presente pesquisa se apresenta como descritiva-levantamento bibliográfico. Seu suporte teórico advém da exposição dos fundamentos da GT, em termos de sua concepção original denominada de versão clássica, e dos desdobramentos que se fundamentaram nas versões straussiana e construtivista.

Após a presente introdução, seguem-se quatro seções: um resgate histórico dos principais aspectos da GT, a apresentação do método utilizado na pesquisa, o resultado da pesquisa, e considerações conclusivas.

PRINCIPAIS ASPECTOS DA GROUNDED THEORY (GT)

Pode-se dizer que, no campo das pesquisas acadêmicas de Administração, a Grounded Theory (GT), proposta inicialmente há mais de meio século por Glaser e Strauss (1967), é um meio de pesquisa singular. Sua proposta primária é muito diferenciada daquelas dos demais meios de pesquisa qualitativa:



gerar teoria substantiva. Também denominada de teoria emergente, trata-se de teoria muito específica, aplicável apenas a determinado campo, e que serve como base a teoria formal. Secundariamente, seus procedimentos podem ser utilizados especificamente em pesquisas sem necessariamente conduzir a uma teoria (STRAUSS; CORBIN, 1998).

A GT apresenta três vertentes distintas: a clássica, proposta por Glaser e Strauss (1967) e aperfeiçoada por Glaser e Holton (2004); a straussiana, proposta por Strauss e Corbin (1998); e a construtivista (CHARMAZ, 2008).

Qualquer que seja a vertente utilizada, a aplicação da GT enquanto meio de pesquisa voltado à obtenção de teoria substantiva fundamentada em evidências não é considerada trivial (WHITE; COOPER, 2022), tendo em vista que se trata de processo intenso e longo. As diversas etapas necessárias para tanto – agendamento de entrevistas, análise das evidências, e alcance da saturação teórica – não raro implicam que a redação do relatório final só ocorra mais de 12 meses após o início da pesquisa. Além disso, dificultam predeterminar sua finalização de forma precisa, o que se revela especialmente grave quando se trata de projetos que necessitam de bolsas de pesquisa (URQUHART, 2022).

Exemplo dessa complexidade pode ser encontrado na observação de Creswell e Poth (2017) de que, entre os pesquisadores que se utilizam da GT na vertente straussiana, raramente é construída a matriz condicional, criada por Strauss e Corbin (1998) para ajudar na realização de conexões entre as condições macro e micro que influenciam a teoria substantiva identificada. A suposição é de que “(...) os pesquisadores da teoria fundamentada raramente têm os dados, tempo ou recursos para empregar a matriz condicional” (CRESWELL; POTH, 2017, p. 87). Isso os levaria a uma adaptação questionável do uso da GT, já que a construção dessa matriz seria teoricamente obrigatória antes de se chegar à teoria substantiva.

Por seu turno, Strauss e Corbin (1998) esclarecem que a técnica de tratamento de evidências da GT serve a pesquisas qualitativas que não obrigatoriamente visem à obtenção de teoria substantiva. Entretanto, mesmo havendo essa possibilidade “intermediária” de apropriação do termo GT, os pesquisadores brasileiros de Administração lhe têm mostrado baixo interesse. Levantamento executado por Troccoli (2014) em maio de 2013 com as palavras-chave “grounded theory”, “teoria fundamentada nos dados”, e “teoria fundamentada em dados” junto a periódicos de Administração dentro da base Scielo e dentro das *homepages* dos periódicos resultantes dessa busca, redundou em apenas 11 artigos com pesquisas empíricas atribuídas à GT; dentre eles, seis utilizaram-se da técnica preconizada pela GT para tratar evidências.

Já Medeiros, Santos e Erdmann (2019) pesquisaram, em agosto de 2018, artigos não teóricos com as palavras-chave “grounded theory”, “teoria fundamentada” e “teoria substantiva” em toda base de



dados de anais dos congressos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD) e em toda plataforma de dados Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL) até aquela data. Eles encontraram apenas 25, número diminuto levando-se em consideração dois fatores: 1) embora não seja informado o total de trabalhos aprovados em cada evento da ANPAD nesse período, até agosto de 2018 já haviam sido realizadas 78 edições, o que sugere a expressividade desse somatório; e 2) o acervo total de documentos da base SPELL, até agosto de 2018, era de 47.351.

O princípio da GT é ultrapassar os limites de uma pesquisa descritiva, chegando a uma teoria substantiva, que é aquela escrita por um pesquisador próximo a um problema específico ou a uma população de pessoas (CRESWELL; POTH, 2017). Isso seria possível por meio de evidências obtidas em campo – principalmente ações, interações e processos sociais das pessoas – tendo em vista a preferência desse meio de pesquisa por orientações ancoradas *a priori* na sociologia.

A operacionalização da GT pode se dar de três formas diferentes, dependendo da vertente escolhida: clássica, straussiana ou construtivista. Em todos os casos, o princípio básico é que o pesquisador deve ir a campo quantas vezes for necessário em busca de evidências que deverão ser categorizadas por meio de comparações entre si conforme emergirem. Esse processo deverá ser executado até alcançar a saturação, quando será possível elaborar teoria substantiva em toda sua complexidade. Isso significa que a GT se apoia na lógica de inferência abdutiva, em processo indutivo de interpretação, e em processo de dedução e de validação de proposições. Dessa forma, há relacionamento recíproco entre o levantamento de evidências e a análise/formulação/validação da teoria (BIRKS; MILLS, 2022).

O coração da GT residiria na providência que acompanha o levantamento das evidências primárias, essencial para alcançar uma teoria substantiva fundamentada, e que serve como instrumento à análise das informações primárias: o estudo e a interpretação dessas evidências com vistas à sua codificação, sustentada principalmente por meio de comparação constante durante essa codificação. Trata-se do processo central da metodologia da teoria clássica fundamentada, que permite a abstração conceitual das evidências e sua reintegração como teoria. Códigos, representados por ideias de uma ou duas palavras explicativas, são o mecanismo que permite passar de evidências brutas a uma teoria bem desenvolvida, conforme permitem explicar de forma convincente e sucinta o que está acontecendo nessas mesmas evidências (CHAMETZKY, 2022).

De acordo com Flick (2022, p. 251), um código pode tomar a forma de uma palavra ou frase curta que, atribuída a um dado visual ou linguístico, simbolicamente designa um atributo que se destaca e ou que capta a essência daquilo que é dito e ou que evoca aquilo que é dito: “A interpretação é o ponto



de ancoragem para decidir sobre quais evidências ou casos serão os próximos a ser integrados na análise, e sobre a forma ou os métodos por meio dos quais eles devem ser coletados”.

A GT trouxe uma segunda novidade enquanto meio de pesquisa: conforme os conceitos emergem a partir da codificação e da comparação, o pesquisador deve elaborar memorandos, que servem para relatar tudo o que se pensa sobre os participantes, e sobre os fenômenos ou processos sob investigação, de modo que isso ajude na reflexão a respeito. Os assuntos registrados nos memorandos, e sobre os quais serão feitas reflexões, podem ser todos aqueles que possivelmente levarão à teoria substantiva - por exemplo, os processos de codificação e de escolhas de código, a forma como se desenvolve o processo de consulta, os padrões emergentes, as categorias e subcategorias, e os temas. Para Saldaña (2021), a elaboração de memorandos, mais do que a codificação, seria o verdadeiro motor da GT.

Por sua vez, a codificação proposta na denominada vertente clássica de Glaser e Strauss (1967) acarretou o interesse de diversos pesquisadores em refiná-la à luz de suas respectivas reinterpretações. Isso gerou não só aperfeiçoamento da vertente clássica, por parte de Glaser e Holton (2004), como também duas novas vertentes: a straussiana de Strauss e Corbin (1998), e a construtivista de Charmaz (2008).

Glaser e Holton (2004) identificaram que, ao analisar evidências em busca de teoria substantiva, o pesquisador de GT se envolve em três níveis de comparações constantes: códigos sendo comparados com códigos e com categorias emergentes, e categorias sendo comparadas umas com as outras. Além disso, essa dupla de autores entendeu que a análise comparativa englobaria uma dimensão final, quando a teoria emergente deveria ser comparada com a literatura, constituindo-se em uma quarta camada da técnica comparativa constante.

Já na vertente straussiana de Strauss e Corbin (1998), a codificação se dá por meio de estrutura rigorosa que, ao invés de descobrir, busca criar teoria substantiva que corresponda rigorosamente às evidências. O procedimento meticuloso é visto como difícil por Charmaz (2000), mas seus autores o justificam como sendo aprimorador e esclarecedor, capaz de inibir ambiguidades e imprecisões ao longo da análise das evidências. Portanto, seria capaz de aumentar a eficácia da GT enquanto meio de pesquisa: foi projetado para "especificar os procedimentos e técnicas" em meticuloso passo-a-passo destinado a auxiliar "pessoas que estão prestes a embarcar em seu primeiro projeto de análise qualitativa" (STRAUSS; CORBIN, 1990, p. 8).

Finalmente, a vertente constituída por Charmaz (2008) surgiu de suas críticas à vertente straussiana, já que evita a abordagem concreta, vinculada a regras e prescritiva da codificação, sob o argumento de que isso sufoca e reprime a criatividade do pesquisador. No caso, Charmaz (2008) apoiou-



se em filosofia construtivista, que contempla "compromisso imaginativo com as evidências" (p. 168). A compreensão é enfatizada em lugar da previsão, e a realidade percebida pelos sujeitos é preferida à verdade absoluta, embutindo a criação do conhecimento por meio da ação mútua de sujeitos e pesquisadores. Suas diretrizes de codificação são altamente adaptáveis e flexíveis: o pesquisador deve "aprender a tolerar a ambiguidade" e "tornar-se receptivo a criar categorias e estratégias emergentes" (p. 168).

Seis métodos em particular são considerados clássicos na codificação da GT, de uma forma geral: *In Vivo*, para processo, aberto (ou inicial), focalizado, axial e seletivo (ou teórico) (SALDAÑA, 2021). No caso da GT straussiana, a codificação se apropriou das codificações aberta, axial e seletiva, após Strauss e Corbin (1990, 1994, 1998) terem refinado os procedimentos de codificação da GT em sua versão clássica. Essa dupla de autores desenhou uma estrutura de codificação altamente sistemática e rigorosa que se propõe a criar – e não a descobrir – teoria que corresponda fielmente às evidências.

De acordo com Strauss e Corbin (2008), de forma resumida a codificação aberta é “processo analítico por meio do qual os conceitos são identificados e suas propriedades e dimensões são descobertas nas evidências” (p. 103). Para tanto, ela “quebra” as evidências qualitativas em partes, os examina detalhadamente e os compara entre si, buscando semelhanças e diferenças, tratando-se de “processo analítico por meio do qual os conceitos são identificados e suas propriedades e dimensões são descobertas nas evidências” (p. 103). Já a codificação axial é “o processo de relacionar categorias às suas subcategorias” (p. 123), servindo para situar os códigos em níveis de prioridade para desenvolver categorias-eixo em torno das quais outros códigos gravitam. Finalmente, a codificação seletiva é o processo de integrar e refinar categorias para formar a teoria substantiva, ou seja, trata-se da sintetização dos códigos para formular uma categoria central que se torne a base para a explicação de teoria fundamentada (SALDAÑA, 2021).

Vale notar que essas etapas não devem ser entendidas como claramente distinguíveis ou obrigatoriamente separadas no processo: embora a interpretação das evidências se inicie normalmente com a codificação aberta, e a codificação seletiva se torne mais evidente ao final do processo interpretativo, o pesquisador pode, ou não, movimentar-se entre elas, e até mesmo combiná-las (FLICK, 2022).

Em nível de posição filosófica, Glaser (2002) afirmou que a vertente clássica – que busca conceitualizar padrão latente de comportamento – é generalista conforme está aberta à utilização de qualquer tipo de evidência, e não está ligada a nenhuma perspectiva teórica. Assim, ela seria ontológica e epistemologicamente neutra, sem nenhuma lente específica por meio da qual as evidências deveriam ser analisadas. Essa posição veio a ser esclarecida por Holton (2007): não significava que a teoria



fundamentada clássica estaria livre de qualquer lente teórica, mas sim que ela não deveria ser confinada a uma delas, podendo adotar qualquer perspectiva epistemológica apropriada às evidências e à postura ontológica do pesquisador.

Já a vertente straussiana da GT é vista por Strauss e Corbin (1998) como ontologicamente realista, crítica e pós-positivista. Ela estaria inserida dentro da filosofia do pragmatismo e do interacionismo simbólico, considerando que esse último entende que as pessoas agem e reagem em função do significado atribuído às definições formadas por processo de socialização. Teorias são até certo ponto falíveis e temporariamente limitadas porque são forjadas dentro de cultura e tempo particulares, inseridas em contextos históricos específicos, e colocadas como interpretações feitas a partir de determinadas perspectivas (STRAUSS; CORBIN, 1998).

Vale notar que Charmaz (2000) é de opinião de que a vertente straussiana de fato teria traços pós-positivistas, quando, por exemplo, incorpora a história dos sujeitos pesquisados na análise de evidências. Mas, fundamentalmente, ela seria realista e positivista, 1) pelo lado do método, tendo em vista a meticulosidade de seus procedimentos, os quais, apoiados em levantamento imparcial das evidências e em verificação constante, implicariam excesso de regulamentações que tolheriam a análise criativa; e 2) pelo ângulo ontológico, já que pressupõe uma realidade externa e objetiva.

No que tange à vertente construtivista da GT, Charmaz (2000, 2006) entende que se trata de meio de pesquisa apoiado em ontologia relativista, que pressupõe a existência de múltiplas realidades sociais, desafiando a crença de que existe uma verdade objetiva que pode ser medida ou capturada através de investigação. O construtivismo epistemologicamente preocupa-se com a coconstrução do conhecimento e com a interpretação mútua de significado por parte tanto do pesquisador quanto dos sujeitos analisados, em busca de representação interpretativa das experiências dos participantes. Isso ocorre porque o construtivismo entende que a realidade seria construída por indivíduos à medida que eles atribuem significado ao mundo ao seu redor (MACLEOD; BURM; MANN, 2023). No caso, o significado não estaria internalizado dentro de objetos à espera de serem descobertos: ele seria criado à medida que os indivíduos interagem e interpretam esses objetos (BABBIE; EDGERTON, 2023).

Charmaz (2003, p. 250) propôs, portanto, uma versão da GT que "assume o relativismo de múltiplas realidades sociais, reconhece a criação mútua de conhecimento pelo espectador e por aquele que é visto, e visa a uma compreensão interpretativa dos significados dos sujeitos". Assim, essa reformulação construtivista da vertente straussiana da GT propõe-se a lhe recuperar os recursos ancorados no positivismo para forjar método mais flexível, intuitivo e aberto. Isso garantiria "um meio termo entre o pós-modernismo e o positivismo, oferecendo métodos acessíveis para levar a pesquisa qualitativa ao século 21" (CHARMAZ, 2000, p. 510).



MÉTODO

Essa pesquisa teórico-descritiva qualifica-se como levantamento bibliográfico. Os artigos pertinentes foram localizados por meio do acesso à base Scielo em abril de 2023, buscando-se os termos “grounded theory”, “teoria fundamentada em dados” e “teoria fundamentada nos dados” em todos os índices, para artigos em português no Brasil publicados até então, na área temática Scielo “Ciências Sociais Aplicadas” e nas áreas temáticas de Gerenciamento, Gestão Pública, Negócios, Administração e Finanças.

A busca avançada da base Scielo não disponibiliza limite de mês para início e fim da pesquisa, com os resultados remetendo ao que se tem em termos anuais na data da pesquisa. Como a pesquisa ocorreu em abril de 2023, o que se tinha eram os totais anuais até 2022. Daí, optou-se por pesquisar os artigos publicados entre os anos de 2013 e 2022, e, quando do resultado, eliminar-se manualmente qualquer artigo do ano de 2013 que já tivesse feito parte da seleção utilizada por Troccoli (2014).

Os artigos considerados pertinentes a partir dessa busca foram lidos, de forma a identificar elementos necessários para se responder às perguntas propostas pela pesquisa: 1) o periódico de publicação; 2) se a GT foi usada como técnica de tratamento de evidências ou como método de obtenção de teoria substantiva; 3) qual a vertente utilizada; e 4) se o artigo trazia indicação das etapas de codificação e, caso positivo, em qual nível de detalhamento.

Essas verificações, por sua vez, foram analisadas e, em seguida, esse resultado foi estudado criticamente.

RESULTADO DA PESQUISA

A busca de artigos da Administração referidos aos termos “grounded theory” ou “teoria fundamentada nos dados” ou “teoria fundamentada em dados” que adentraram a base Scielo entre junho de 2013 e o ano de 2022 retornou 38 artigos, dos quais apenas um publicado em 2013 já fizera parte da pesquisa de Troccoli (2014). Dos 37 artigos que sobraram, 17 foram eliminados por não serem pesquisas em que a GT tivesse sido usada como técnica de tratamento de evidências ou como método de obtenção de teoria substantiva. Os restantes 20 (ver Quadro 1) foram tratados conforme indicado na seção de método, para se chegar às respostas da pesquisa colocadas na introdução desse artigo.

O periódico Cadernos EBAPE.BR teve destaque nessas publicações, com cinco artigos; em segundo lugar, com três publicações cada, vieram a O&S e a ReAd – essa última o único periódico da lista não qualificado como A2, pontuação de todas as demais. Com duas publicações cada vieram a



RAM e a Revista de Administração de Empresas – RAE; as demais cinco tiveram uma publicação cada uma. Sete dos 20 artigos utilizaram a GT para a obtenção de teoria substantiva, e 13 a utilizaram como técnica de tratamento de evidências. Dentre os 19 artigos que especificaram a vertente de GT utilizada, três usaram a clássica, oito usaram a construtivista e oito usaram a straussiana.

Ressaltando-se que o ano de 2013 não pode ser analisado como os demais do período aqui estudado de 2013-22, já que teve apenas uma parte de seus meses incluída no levantamento dos artigos, vê-se que, embora o total absoluto tenha se mantido reduzido – apenas 20 artigos durante nove anos contados de 2014 a 2022 – houve evolução positiva em relação aos 11 artigos que, em mapeamento semelhante, Troccoli (2014), encontrou na base ao longo de cerca de 12 anos contados desde 2001 até maio de 2013. Assim, a média de menos de um artigo por ano no caso da pesquisa de Troccoli (2014) passou para 2,2 artigos/ano.

Quadro 1 – Artigos selecionados à análise: autoria com ano de publicação, periódico de publicação, identificação do propósito do uso da GT, vertente utilizada da GT, e indicação das etapas de codificação

AUTORIA E ANO DE PUBLICAÇÃO	PERIÓDICO DA PUBLICAÇÃO (Todos Qualis A2)	USO DA GT PARA TEORIA SUBSTANTIVA (TS) OU COMO TÉCNICA DE TRATAMENTO DE EVIDÊNCIAS (TTE)	VERTENTE DA GT UTILIZADA	INDICAÇÃO DAS ETAPAS DE CODIFICAÇÃO
INHAN, L.; FERREIRA, J.; MARQUES, C.; REBELO, J. (2013)	Revista de Administração de Empresas - RAE	TTE	Clássica	Sim, resumida
PINTO, M.; SOUZA, Y. (2014)	BAR - Brazilian Administration Review	TTE	Construtivista	Sim, muito detalhada
MIGUEL, L.; POPADIUK, S. (2014)	Cadernos EBAPE.BR	TS	Straussiana	Sim, muito detalhada
PINTO, M. (2014)	REAd. Revista Eletrônica de Administração	TS	Construtivista	Sim, detalhada
LARA, R.; GOSLING, M. (2016)	REAd. Revista Eletrônica de Administração	TTE	Não especificada	Não
MENEGASSI, C.; FERNANDES, B. (2016)	Cadernos EBAPE.BR	TTE	Straussiana	Sim, muito detalhada
SANT'ANNA, A.; DINIZ, D. (2017)	BBR. Brazilian Business Review	TTE	Clássica	Não
MEDEIROS, C.; SILVEIRA, R. (2017)	Organizações & Sociedade	TTE	Construtivista	Não
NEVES, A.; CARVALHINHA, P.; MURITIBA, P.; MURITIBA, S. (2017)	Revista de Administração de Empresas - RAE	TTE	Straussiana	Sim, muito resumida
ROMAN, D.; OSINSKI, M.; ERDMANN, R. (2017)	Revista de Administração (São Paulo)	TS	Straussiana	Sim, muito detalhada
LARENTIS, F.; ANTONELLO, C.; SLOGO, L. (2018)	Revista Brasileira de Gestão de Negócios	TTE	Construtivista	Sim, resumida
NORONHA, N. (2018)	Revista de Administração Pública	TTE	Construtivista	Sim, resumida
BRULON, V.; PECI, A. (2018)	Organizações & Sociedade	TTE	Straussiana	Sim, detalhada
FELIX, B.; BENTO, M. (2018)	RAM. Revista de Administração Mackenzie	TS	Clássica	Não
GOMES, R.; FELIX, B. (2019)	Cadernos EBAPE.BR	TTE	Construtivista	Sim, resumida
CEPELLOS, V.; SILVA, G.; TONELLI, M. (2019)	Organizações & Sociedade	TS	Straussiana	Não
FERREIRA, R.; GOMES, J.; CARVALHO, A. (2020)	RAM. Revista de Administração Mackenzie	TS	Straussiana	Sim, resumida
SANTOS, P.; SILVA, A.; SOUZA NETO, J.; SOUSA JR., R. (2020)	REAd. Revista Eletrônica de Administração	TTE	Straussiana	Sim, detalhada
BERTO, ERDMANN; UHLMANN (2021)	Cadernos EBAPE.BR	TS	Construtivista	Sim, detalhada
FELIX, SANTOS; ZWERG-VILLEGAS (2022)	Cadernos EBAPE.BR	TTE	Construtivista	Sim, detalhada

Fonte: Elaboração própria.

No período 2014-22 vê-se que os anos mais profícuos foram 2017 e 2018, cada um com quatro publicações, enquanto não foi encontrada nenhuma publicação no ano de 2015, três em 2014, e duas em 2016, 2019 e 2020, até se chegar ao pior desempenho, no biênio 2021-22, com apenas uma publicação/ano.

Os resultados mostram que somente sete artigos usaram a GT com a intenção de construir teoria substantiva. Isso parece reforçar a suspeita de que os pesquisadores de Administração se afastam da GT enquanto meio de pesquisa por não quererem se envolver no seu processo intenso e longo, preferindo



apenas adotar seus procedimentos enquanto técnica, e/ou por desconhecerem o que seja uma área substantiva de estudo. É possível que a obtenção de teoria substantiva, enquanto aquela constituída a partir do desejo de encontrar uma explicação a respeito dos comportamentos exclusivamente dos participantes em relação ao problema de pesquisa, não tenha o devido reconhecimento porque não voltada à generalização como uma teoria formal, sendo desconhecida a ajuda que pode prestar à geração de novas teorias formais e à reformulação de teorias já estabelecidas (GLASER; STRAUSS, 1967).

Quinze artigos explicitaram a codificação de maneira ou detalhada, ou muito detalhada, ou resumida, enquanto cinco não apresentaram essa informação. Essa ausência é preocupante porque se pode dizer que o processo de codificação é o núcleo central da GT – tão relevante que foi o elemento que, após proposto pela primeira vez por Glaser e Strauss (1967), suscitou revisões que terminaram por gerar as versões straussiana e construtivista. Não por acaso, O'Callaghan (1996) diz que a codificação das evidências na GT não é, de forma alguma, algo trivial. Ela requer, do pesquisador, capacidade de construir análises, de entender questões substantivas que orientam as questões de pesquisa, de dominar os princípios de uma escola de pensamento que ajude a enquadrar os conceitos emergentes, e de deter algum grau de experiência pessoal a respeito do assunto estudado. Goulding (2002) reforça esse aspecto: o processo analítico que leva a uma codificação bem-sucedida depende da experiência prévia do pesquisador no que tange à decomposição tanto de entrevistas como de observações e de outras formas de evidências em unidades distintas de significado, sem o que não pode haver sucesso no agrupamento desses conceitos em categorias descritivas nem na reavaliação final de suas inter-relações.

Por isso mesmo, cabe uma pergunta ao fato de três periódicos brasileiros A2 da amostra aqui estudada – a BBR, O&S e RAM – terem aprovado e publicado artigos de GT sem informação sobre a codificação das evidências: será que essa cobrança não ocorre porque, dada a raridade do uso da GT, os próprios avaliadores não a entendam suficientemente para notarem esse tipo de lacuna?

Dentre os sete artigos que utilizaram a GT para obter teoria substantiva, quatro adotaram a vertente straussiana, dois adotaram a vertente construtivista e um adotou a vertente clássica. Já dentre os 12 artigos que utilizaram a GT como técnica de tratamento de evidências e que explicaram a vertente utilizada, seis adotaram a vertente construtivista, quatro adotaram a vertente straussiana, e dois adotaram a vertente clássica. É curioso que a vertente clássica tenha tido tão pouco interesse por parte dos pesquisadores. O motivo para tanto talvez resida no fato de se tratar de método de investigação onde a dedução e a indução são usadas de forma e em uma ordem diferentes daquilo que ocorre junto a outros métodos de pesquisa. Esse fenômeno remete a Glaser (1992, 1998, 1999) ter usado o termo conceitualização para se referir ao processo de indução, o termo codificação teórica para se referir ao processo de abdução, e o termo amostragem teórica para se referir ao processo de dedução.



A preferência pela vertente straussiana quando a GT foi usada para obter teoria substantiva pode encontrar sua raiz no fato de o procedimento ser um refinamento daquele proposto na versão clássica da GT. Muito mais meticulosa e especificada, a codificação proposta por Strauss e Corbin (1994, p. 273) busca aprimoramento e clareza, de forma a “aumentar a eficácia desta metodologia”. Sua aparente complicação estaria em linha com a complicação da própria vida humana (STRAUSS; CORBIN, 1990), algo que pode ser visto como inerente a pesquisas qualitativas. Por outro lado, a codificação straussiana seria clara em relação aos procedimentos e técnicas, o que a faria ideal para neófitos em análise qualitativa (STRAUSS; CORBIN, 1990).

Já preferência à vertente construtivista quando a GT foi usada como técnica de tratamento de evidências pode ter sido motivada pelo fato de o procedimento de codificação aqui ser considerado mais interpretativo, intuitivo e impressionista do que no caso das demais vertentes. Isso porque ele busca conhecer profundamente os significados que os participantes atribuem a suas experiências, para tanto pregando que sejam realizadas entrevistas em profundidade e intensas com os sujeitos da pesquisa (CHARMAZ, 2006; HALLBERG, 2006). Assim, seria possível chegar a entendimento apresentado sob a forma de uma história derivada da interpretação do pesquisador quanto ao processo social estudado, que engloba "categorias, condições, relações conceituais e consequências" (HALLBERG, 2006, p. 147).

Finalmente, o levantamento mostrou que metade dos 20 artigos não indicaram as etapas de codificação ou o fizeram de forma resumida, enquanto a outra metade o fez de forma detalhada ou muito detalhada. É possível, sempre, que os autores que pularam essa etapa ou a resumiram tenham agido assim devido à limitação de espaço ditada pelas diretrizes aos autores que submetem aos periódicos. Contudo, vale lembrar que um dos fatores mais críticos para a aprovação de artigos submetidos a periódicos avaliados por pares é a replicabilidade da metodologia (AGUINIS; HILL; BAILEY, 2020). Ou seja, em se tratando de método tão complexo como a GT, caberia aos autores refletirem se o melhor caminho não seria um esforço maior na compressão das demais seções para acomodar detalhamento no método capaz de garantir robustez à pesquisa aos olhos dos avaliadores. E, a esses últimos, caberia o conselho de cobrarem, dos autores dedicados à GT, esse maior detalhamento antes da aprovação final.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

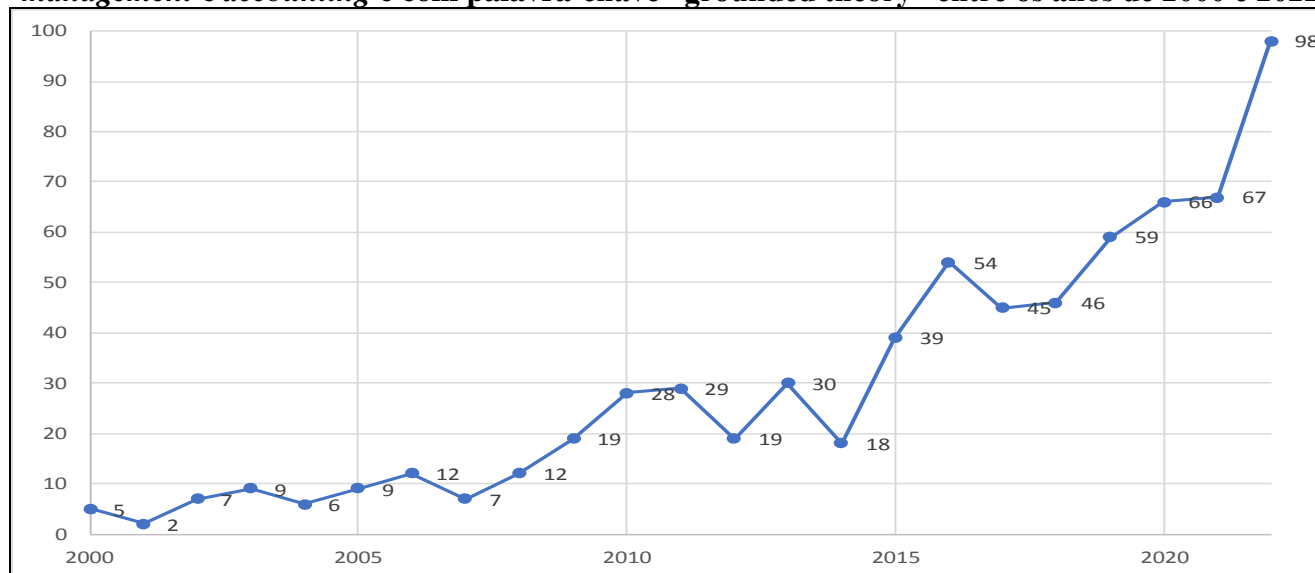
Embora a GT tenha aumentado sua atração junto a pesquisadores brasileiros na área de Administração no agregado de oito anos recentes comparativamente ao que se vira até meados de 2013, sua penetração enquanto meio de pesquisa ainda se mantém muito tímida. Na verdade, é possível que esse fenômeno seja observável também em círculos mundiais de pesquisa, conforme sugere Gynnild



(2017, p. 2), então editora-chefe do periódico norte americano *The Grounded Theory Review*: em seu editorial quando do lançamento da edição comemorativa dos 50 anos da GT, ela escreveu, referindo-se ao cofundador da GT, Barney Glaser: “Quando eu perguntei ao Dr. Glaser que tipo de artigos ele gostaria de ver nessa edição, ele rapidamente respondeu ‘Eu gostaria de ver mais teorias fundamentadas!’”. De fato, levantamento realizado na base Scopus para o período 2000-2022 buscando artigos nas áreas de *business*, *management* e *accounting* com a palavra-chave “grounded theory” evidenciou distribuição anual inconstante para os 739 artigos que foram identificados (Gráfico 1).

É muito provável que a resistência aqui identificada no caso dos pesquisadores brasileiros em Administração se deva às especificidades da GT: apesar de suas qualidades como método rigoroso de descoberta que permite a previsão e a explicação de processos comportamentais, ela não é rápida nem fácil, apoiando-se em evidências que dependem exclusivamente da percepção, da habilidade e das capacidades cognitivas do pesquisador. Esse último, portanto, deve ser hábil para lidar com conjunto de procedimentos muito específicos que não incluem instrumentos previamente desenvolvidos, nem o apoio confortável de análises de evidências geradas por computador que possam ser subsidiárias à confecção das narrativas.

Gráfico 1 – Quantidade anual de artigos publicados em inglês nas áreas de *business*, *management* e *accounting* e com palavra-chave “grounded theory” entre os anos de 2000 e 2022



Fonte: Base Scopus

Ademais, uma grande dificuldade em trabalhar com a GT reside no paradoxo que pode intimidar o pesquisador teórico fundamentado clássico: embora familiarizado com a área substantiva onde está atuando, ele não deve adentrar o estudo com preconceitos nem com vieses nem com hipóteses prévias. Em outras palavras, pesquisas anteriores aprofundadas e literatura conceitual e/ou teórica sobre o



fenômeno estudado – elementos de elevada importância na pesquisa acadêmica tradicional – perdem interesse quando se usa a GT: enquanto método de descoberta, seu uso supõe que o pesquisador entre no estudo sem nem mesmo saber qual fenômeno pode surgir, iniciando com um tópico geral em vez de um problema de pesquisa predeterminado definido na literatura ou na prática profissional. Ou seja, o raciocínio subjacente se baseia no vínculo pesquisa-teoria em oposição ao vínculo teoria-pesquisa.

Academicamente, essa pesquisa contribui porque indica que que, por se revelarem metodologicamente mais originais, os adotantes da GT enquanto meio de pesquisa poderão se destacar frente aos concorrentes quando da avaliação de suas pesquisas para publicação, ao saírem da zona de conforto garantida pelo uso de métodos qualitativos usuais, conhecidos e dominados. De fato, maior originalidade nas formas como a pesquisa qualitativa pode ser executada poderia facilitar novos descobrimentos científicos (BRYMAN; BUCHANAN, 2018; SILVA; ANJO; PEREIRA, 2021), já que maneiras inéditas, ou pouco praticadas, de entender os fenômenos contribuem para contribuições teóricas originais, que são a verdadeira alma da pesquisa qualitativa (SANTANNA; PAIVA JR., 2022). Provavelmente por isso a afirmação “foi realizada GT” em artigo submetido a periódico, mesmo que voltado a tratamento de evidências e não à obtenção de teoria substantiva, pode ser a senha para garantir uma atenção especial por parte dos avaliadores – o que explicaria por que 19 dos 20 artigos aqui analisados foram publicados em periódicos Qualis A2.

Vale notar que aqui não se pretende desmerecer o esforço dos pesquisadores que realizam a técnica de análise de evidências proposta pela GT em qualquer de suas vertentes. De fato, quando realizadas dentro dos respectivos estritos preceitos, de forma alguma qualquer dessas análises se revela trivial e muito menos veloz, podendo até mesmo assustar pesquisadores menos experientes no que tange, por exemplo, à exigência de comparações constantes e repetições de procedimentos, inclusive no que diz respeito à volta ao campo.

A seleção restrita de artigos utilizados na presente pesquisa não pode ser indicada como uma limitação, já que se trata do resultado do levantamento escolhido; na verdade, seu pequeno número serviu à comprovação já indicada de que a GT permanece pouco utilizada por pesquisadores de Administração no Brasil.

Em paralelo, ficam aqui duas sugestões; a primeira, de que cursos de metodologia da pesquisa no Brasil, principalmente em nível de doutorado, invistam na divulgação da GT enquanto meio de pesquisa, evitando afastá-la *a priori* da agenda dos alunos com a justificativa da dificuldade e da demora no seu uso.

A segunda sugestão é que pesquisa semelhante a essa seja feita em base internacional de periódicos que ultrapasse o acervo do periódico dedicado Grounded Theory Review, para verificar se os



pesquisadores estrangeiros, à semelhança do caso brasileiro aqui identificado, também se revelam tímidos quanto ao uso da GT como meio de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGUINIS, H.; HILL, N. S.; BAILEY, J. R. “Best practices in data collection and preparation: Recommendations for reviewers, editors, and authors”. **Organizational Research Methods**, vol. 24, 2020.

BABBIE, E.; EDGERTON, J. **Fundamentals of Social Research**. Toronto: Cengage Canada, 2023.

BIRKS, M.; MILLS, J. **Grounded Theory: A Practical Guide**. Los Angeles: Sage Publications, 2022

BRYMAN, A.; BUCHANAN, D. **Unconventional Methodology in Organization and Management Research**. Oxford: Oxford University Press, 2018

CHAMETZKY, B. “Coding in Classic Grounded Theory: I’ve Done an Interview; Now What?”. **Grounded Theory Review**, vol. 21, n. 2, 2022

CHARMAZ, K. “Grounded theory as an emergent method”. *In*: HESSE-BIBER, S.; LEAVY, P. (eds.). **Handbook of emergent methods**. New York: Guilford Press, 2008

CHARMAZ, K. “Grounded theory: Objectivist and constructivist methods”. *In*: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (eds.). **The handbook of qualitative research**. London: Sage Publications, 2000.

CHARMAZ, K. “Grounded theory: Objectivist and constructivist methods”. *In*: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (eds.). **Strategies of qualitative inquiry**. London: Sage Publications Limited, 2003

CHARMAZ, K. **Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis**. London: Sage Publications, 2006.

CRESWELL, J.; POTTH, C. **Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches**. London: SAGE, 2021.

FLICK, U. **An Introduction to Qualitative Research**. London: Sage, 2022.

GLASER, B. G. “Constructivist grounded theory?” **Forum: Qualitative Social Research**, vol. 3, 2002.

GLASER, B. G. “The future of grounded theory”. **Qualitative Health Research**, vol. 9, n. 6, 1999

GLASER, B. G. **Basics of grounded theory analysis: Emergence vs forcing**. London: Sociology Press, 1992.

GLASER, B. G. **Doing grounded theory: Issues and discussion**. London: Sociology Press, 1998.

GLASER, B. G.; HOLTON, J. “Remodeling grounded theory. **Forum: Qualitative Social Research**, vol. 5, n. 2, 2004.

GLASER, B.; STRAUSS, A. **The discovery of grounded theory**. Chicago: Aldine Press, 1967



GOULDING, C. **Grounded theory**: A practical guide for management, business and market researchers. Thousand Oaks: Sage, 2002.

GYNNILD, A. “Celebrating 50 Years of Grounded Theory: Onward and Forward”. **The Grounded Theory Review**, vol. 16, n. 1, 2017

HALLBERG, L. R. “The “core category” of grounded theory: Making constant comparisons”. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, vol. 1, n. 3, 2006

HOLTON, J. A. “The coding process and its challenges”. In: BRYANT, A.; CHARMAZ, C. (eds.). **The Sage Handbook of Grounded Theory**. London: Sage Publications, 2007.

MACLEOD, A.; BURM, S.; MANN, K. “Constructivism: learning theories and approaches to research”. In: CLELAND, J.; DURNING, S. (eds.). **Researching Medical Education**. West Sussex: John Willey and Sons, 2023

MEDEIROS, A.; SANTOS, J.; ERDMANN, R. “A Teoria Fundamentada nos Dados na Pesquisa em Administração: Evidências e Reflexões”. **Revista de Ciências da Administração**, vol. 21, n. 54, 2019

O’CALLAGHAN, J. “Grounded theory: a potential methodology”. **Counselling Psychology Review**, vol. 11, n. 1, 1996

SALDAÑA, J. **The coding manual for qualitative researchers**. London: SAGE, 2021.

SANTANNA, R. C. B.; PAIVA JR., F. “Triangulação metodológica na pesquisa qualitativa: um estudo em periódicos brasileiros voltados ao turismo”. **Revista Brasileira de Administração Científica**, vol. 13, n. 1, 2022

SILVA, J.; ANJO, J.; PEREIRA, J. “Pesquisas Qualitativas nos Estudos Organizacionais: escolhas alternativas de estratégias metodológicas”. **Anais do VII Encontro de Ensino e Pesquisa Em Administração e Contabilidade**. Maringá: EnEPQ, 2021.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. “Grounded theory methodology: An overview”. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **The handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research**: Grounded theory procedures and techniques. Newbury Park: Sage Publications, 1990

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research**: Techniques and procedures for developing grounded theory. Thousand Oaks: Sage publications, 1998

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008

TROCCOLI, I. R. “E os pesquisadores brasileiros que praticam Grounded Theory: o que fazem?”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, vol. 12, n. 2, 2014

URQUHART, C. **Grounded Theory for Qualitative Research**. Los Angeles: Sage, 2022.

WHITE, R. E.; COOPER, K. “Grounded theory”. In: WHITE, R.; COOPER, K. (eds.). **Qualitative research in the post-modern**. Cham: Springer, 2022.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 43 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima